

Retorno a Massangana

Benedito ANTUNES*

A inclusão de “Massangana”, de Joaquim Nabuco, nesta seção da revista justifica-se por dois motivos principais. Primeiramente, pela afinidade com o dossiê “Leituras do Brasil: ficção e memória”, uma vez que o autor é considerado um dos primeiros e mais importantes pensadores que se dedicaram ao estudo da formação do País. Em segundo lugar, pela indiscutível qualidade do texto que, embora essa não fosse condição para integrar o dossiê, preenche sua duplicidade temática ao tomar a forma de memória pessoal e de texto literário.

Apesar de ser muito conhecido e facilmente acessível, sua publicação visa também chamar a atenção para o perfil político e literário de Joaquim Nabuco, talvez menos valorizado no meio acadêmico do que o desejável, à vista de sua relevância seja como pesquisador seja como militante da causa abolicionista. Nesse aspecto, “Massangana” é exemplar perfeito da obra do autor. Graças à sua dimensão literária, logra configurar para o leitor uma das marcas indelévels de nossa história, a escravidão, que nas suas palavras “permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”.

“Massangana” corresponde ao capítulo XX de uma das obras-primas de Nabuco, *Minha formação* (1900), mas, como explica o autor em nota, o texto goza de relativa autonomia, pois fora escrito em outro contexto e reaproveitado nessa passagem de sua memória intelectual. Integrava inicialmente o livro então inédito *Pensée détachées et souvenirs*, publicado em 1906, que traz no final dois folhetos: “Massangana: souvenir d’enfance” e “L’influence de Renan”. Essa autonomia corresponde à maneira como o autor dispõe do texto no conjunto de *Minha formação*. Após justificar a inversão da ordem cronológica, relatando antes fatos da vida adulta para, somente depois, tratar da infância, informa que “Massangana” fora composto sete anos antes, em francês, para um livro “de caráter mais íntimo”.¹

Joaquim Nabuco nasceu em Recife, PE, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, EUA, em 17 de janeiro de 1910. Foi escritor e diplomata, tornando-se muito conhecido graças à sua militância pela causa abolicionista. Após a abolição, ele se afastou da luta política e se dedicou principalmente à vida intelectual. Exercendo a advocacia e o jornalismo, conviveu com destacados representantes da vida literária brasileira, como Machado de Assis, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, tendo inclusive participado da fundação da Academia Brasileira de Letras. Foi nesse período que escreveu suas principais

* Professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

obras: *Minha formação* e *Um estadista do Império* (1896), uma biografia de seu pai que consiste, na verdade, em importante história do império.

De sua obra, *Minha formação* tem sido considerada um clássico da literatura brasileira. Alceu Amoroso Lima (1966) afirma que o livro “precisa ser não só conhecido mas assimilado e propagado pelas novas gerações”. Para ele, “trata-se de tirar proveito de sua sabedoria, do seu exemplo e de sua experiência por vezes profética, para os novos tempos e as novas tarefas de arrancar o povo de uma sociedade industrial de sua nova escravidão, como ele arrancou da sua um povo de uma sociedade agrícola”. Seu entusiasmo maior, porém, destina-se à sua condição de escritor, que encerra uma “lição perene de beleza literária e de grandeza humana”.

Especificamente quanto a “Massangana”, Fernando Henrique Cardoso, em conferência pronunciada em 2010, considera que suas páginas “resumem tudo de Nabuco: o que de melhor podia escrever, seu compromisso moral na luta contra a escravidão, seu sentimento terno e humano para com os escravos que o circundavam, seu íntimo atormentado de senhorzinho que se sente acorrentado como escravo a uma ordem injusta que, não obstante, molda-o” (2013, p. 36). Sem dúvida, a qualidade literária desse capítulo torna-o singular no conjunto do livro e apresenta uma imagem completa de Joaquim Nabuco, em toda sua complexidade e mesmo em seus paradoxos. Não cabe aqui analisar o capítulo, mas vale a pena chamar a atenção para alguns aspectos que reiteram a oportunidade de sua divulgação.

Para muitos críticos, chega a ser paradoxal a maneira como Nabuco recorda suas “relações com os escravos”, principalmente porque sugere que elas se deram num ambiente de pouca hostilidade, em que “uma longa hereditariedade de relações fixas entre o senhor e os escravos tivessem feito de um e outros uma espécie de tribo patriarcal isolada do mundo”. O mais significativo, porém, é que ele procura entender as raízes desse relacionamento quase fraterno com os escravos por meio da “natureza da instituição com a qual [...] vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava”.

É dessa perspectiva, associando a percepção de uma cruel desigualdade com a convivência familiar, marcada por laços de afeto e confiança, que ele valoriza o papel do escravo no Brasil. Se a escravidão caracteriza as relações sociais do País, ela deve ser vista sob todos os aspectos, inclusive pelo lado positivo, porque histórico e incontornável:

Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte...

Não se trata, portanto, de encobrir as contradições, mas sim de explorar sua própria natureza e, por meio dela, compreender um processo histórico e cultural. Na linha religiosa que assume nesse escrito de memória, Nabuco invoca os escravos como “os santos pretos”, que seriam “os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor!” Num momento político em que se busca diminuir a desigualdade social com ações que estimulam diversos tipos de polarização e parecem acirrar contradições, é oportuno ler ou reler Joaquim Nabuco, um símbolo do combate a uma das desigualdades de base do Brasil, cujos reflexos se fazem sentir ainda hoje.

NOTAS

¹ O texto aqui publicado foi estabelecido com base na edição disponível na página da Fundação Biblioteca Nacional, confrontada com as edições do Senado Federal e das Edições de Ouro (1966).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. Pró-memória. In: NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. 278 p. (Clássicos brasileiros, 243).

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. 278 p. (Clássicos brasileiros, 243).

_____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900. 311 p. (Obras completas, Joaquim Nabuco, 1).

_____. *Pensée détachées et souvenirs*. Paris: Hachette, 1906.

_____. *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época*. Rio de Janeiro: Garnier, [1896?]. 3 v.